

LEITURA ORAL: DESEMPENHO E AVALIAÇÃO

Fábio Chiamenti
(Mestrado PUCRS)
(FAF Erexim)

1. INTRODUÇÃO

A despeito dos progressos alcançados no domínio da comunicação, saber ler — e fazê-lo bem, com rapidez, com plena compreensão do significado e das implicações do que se lê — permanece como uma das competências decisivas do ser humano. (Olga Molina)

1.1 — Objetivo

Pretendeu-se, com pesquisa realizada em 1982, averiguar a habilidade em leitura oral com que ingressam no 2.º grau alunos provenientes do Curso Regular (CR) e do Curso Supletivo (CS) de 1.º grau, descobrindo ao mesmo tempo suas principais falhas nesse campo, e investigando seus Hábitos de Leitura (HL).

Sem contestação, o que interessa fundamentalmente numa leitura (seja ela oral, seja silenciosa) é a compreensão do que se lê, daí advindo a importância primordial dos exercícios de leitura e compreensão de textos — que devem ser largamente desenvolvidos na escola.

Como o objetivo visado na dissertação de mestrado foi constatar a habilidade de leitura oral de alunos do 2.º grau noturno, não se levou em consideração a compreensão da leitura, mas tão-somente a habilidade mecânica da mesma.¹

1.2 — Utilidade da leitura oral

A leitura oral é tida como excelente meio de se diagnosticarem falhas na articulação, vícios de pronúncia, bem como problemas de ritmo e entoação.

(1) É claro que todos os aspectos estão por demais relacionados, mas é óbvio que a compreensão, por exemplo, pode até ser relegada a um segundo plano quando a tarefa primordial é decifrar os símbolos escritos (Molina, 1982: 30).

Juracy Silveira (1966: 173) inclui nesse diagnóstico a própria compreensão:

"A leitura oral é insubstituível para diagnosticar falhas de compreensão e mecânico, e um meio valioso de análise fonética — base da escrita".

Acredita esta autora (p. 174) que os erros de grafia, tão abundantes, sejam, sobretudo, decorrentes da omissão da leitura em voz alta nas quatro primeiras séries.

"A leitura oral é para o professor um meio rápido e valioso de verificar o progresso do aluno em habilidades importantes de leitura..." (Passos e Mediano, 1971: 65).

A leitura oral permite a descoberta dos próprios erros de redação, possibilitando a correção dos mesmos:

"Muitos defeitos que os olhos não viram, descobrem-nos os ouvidos educados" (Silveira Bueno, 1958: 114).

1.3 — Objetivos do ensino da leitura oral

Avalia-se uma atividade de acordo com seus objetivos, na medida em que os mesmos são ou não atingidos.

Passos e Mediano (op. cit., p. 50) dizem que o professor das quatro primeiras séries deve desenvolver, entre outras, as seguintes habilidades de leitura oral:

- usar bons padrões lingüísticos: entoação, articulação, timbre de voz;
- dar expressão à leitura;
- adaptar a velocidade da leitura ao objetivo desejado.

Também Vale (1979: 64), referindo-se às primeiras séries, diz que em leitura oral a tarefa básica do professor é fazer com que o aluno seja capaz de ler expressivamente, com pronúncia correta e boa entoação. E aponta a leitura oral de textos como procedimento básico de avaliação.

O que se avalia na leitura oral?

Do ponto de vista mecânico, diz Aguiar (1983: 32), os autores salientam os aspectos fluência, ritmo, entoação, timbre de voz, pronúncia, não substituição, inserção e omissão de palavras, como relevantes para a leitura oral.

Para apurar o Desempenho em Leitura Oral (DLO) dos sujeitos estudados, foi necessário registrar as falhas que poderiam ocorrer durante a prolação da leitura. Quatro foram os aspectos analisados:

- Clareza (ou Dição)
- Ritmo (e fluência)
- Entoação (e pontuação)
- Rapidez (ou velocidade)

Convém, aqui, apresentar, ainda que sucintamente, uma conceituação dos termos.

1.4 — Definição dos termos

DLO

Desempenho — Entende-se por desempenho a eficiência na realização de determinada ação; uma competência manifesta em ato.

Leitura — "A leitura é a arte de reconstruir, a partir de uma página impressa, as idéias, os sentimentos, os estados anímicos e as impressões sensoriais do escritor" (Artley, 1961 — apud Carrol, 1969: 99).

Observação — O conceito de leitura merece uma maior consideração, pois não há definição unânime de leitura. Sua conceituação vai desde o ato de oralizar símbolos escritos (palavras, frases) até o interpretar qualquer evento; desde a decifração (mecânica) de códigos verbais até a inteligência de qualquer fenômeno: sinais naturais, símbolos, gestos, sons, imagens, etc.²

(2) "A primeira brecha que temos de atravessar parece-me ser a de uma re-leitura do conceito de leitura, isto é, vencer o preconceito de que só estamos lendo quando temos linguagem verbal-escrita diante dos olhos. Somos também leitores de formas, volumes, massa, interações de forças, movimentos; das tamanhos e direções de linhas, traços, curvas, etc. Enfim, somos também leitores de gráficos, imagens, sinais, sets, números, luzes, etc." (Braga, 1981: 7).

"A leitura, portanto, é aplicável a qualquer tipo de signo; normalmente estamos acostumados a usar o termo leitura quando nos referimos aos signos lingüísticos. Porém os signos icônicos também requerem interpretação e, portanto, devem ser lidos e não somente vistos" (Pérez, 1978: 84).

"A leitura é uma arte difícilíssima, dizem Hailos e Back (1977: 128), e ninguém deve considerá-la somente a reprodução mecânica do texto impresso, mas um reconhecimento da realidade com os coloridos diversos da situação concreta".

Leitor neste último sentido, não significa apenas leitor do escrito, mas leitor do mundo, da realidade, no sentido que lhe atribuem Paulo Freire (1982), Maria Helena Martins (1982), Ezequiel T. da Silva (1983b), ou Maria Lúcia Braga (1981). É texto e contexto. Ler, na expressão de Maria Gomes (1982: 25), é abismar-se nos traços insondáveis do mundo.

Mas, qualquer que seja o conceito de leitura, — se se deixarem de lado as conceituações extremadas —, a esmagadora maioria das definições inclui estes dois elementos:

identificação dos significantes e
compreensão do significado.

Abreviando, dir-se-á simplesmente que leitura é decodificação de signos. A decodificação inclui identificação e compreensão dos signos, uma vez que, segundo Hjelmslev (1975: 49) "todo signo é portador de significação" ou (pelo menos suscita significação, cada qual na sua língua).

Leitura Oral — é a sonorização de um texto escrito. Neste sentido, pode-se conceituar o ato de ler como o fazem Genouvrier e Peytard (1974: 20):

"Ler é descobrir na grafia dos signos uma seqüência ordenada de sons".

"Na leitura a mente transforma os símbolos abstratos em sons e os sons em palavras" (Winn — *Lectura y Vida*, Jun./1962: 20).

Ou, como lembra Coste (1974: 40), referindo-se àquela primeira noção (popular e infantil) de leitura:

"Para toda criança, ler é antes de tudo oralizar um texto".
Contraopondo-se a leitura silenciosa, leitura oral é a leitura feita em voz alta, acompanhada das características que lhe são próprias: clareza, ritmo, fluência, entoação, pontuação e rapidez.

Clareza ou Dição — é a maneira de pronunciar clara e distintamente cada sílaba, cada vocábulo, cada frase, na fala ou na leitura oral sonora. ("É a arte de pronunciar os vocábulos com a máxima perfeição mecânica possível", diz Silveira Bueno, 1958: 7).

É a articulação que dá clareza e nitidez à palavra", lembra Pentecost (1980: 271).

Ritmo — é a ordem e a proporção no espaço e no tempo (Indy, apud Lucena, 1978: 52).

Segundo Cagliari (1981: 291), "ritmo é um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares".

É a pausa rítmica que regula a marcha da fala ou da leitura em voz alta.

Fluência — É a fluência o que vem a ser? Parece intuir-se o que é, porém não se encontrou definição satisfatória.

A fluência seria uma sincronização de ritmo e velocidade (ambos incluem a idéia de movimento). É a maneira de se dizerem as coisas (no ato da fala) ou de se lerem as frases na leitura oral de um texto, dentro de certo ritmo, de certo andamento natural; dentro da expressividade normal da fala que é o modelo da leitura fluente.

É um falar ou ler sem pausas e hesitações, um falar ou ler não isolando as palavras entre si, mas encadeando-as em grupos de força ou unidades de pensamento.

"Fluência verbal, diz, finalmente, Horbatiuk (1982: 181), é a característica relativa ao número de palavras emitidas numa situação".

O que normalmente se avalia numa leitura oral é a sua fluência: verificar se o aluno lê fluentemente.

A fluência de leitura exige um avanço visual de várias palavras sobre aquela que se está lendo; de outro modo o leitor não poderá interpretar o significado, os sentimentos expressos no texto que está lendo.

"Sem clareza e fluência não pode haver boa leitura oral" (Pennell e Cusack, 1952: 127).

Entoação — São as inflexões de voz na fala ou na leitura oral. É a "linha melódica determinada pela variação de tons das sílabas no encadeamento das palavras e das frases."³

De entoação tem-se o tom, elemento fundamental que esclarece o sentido de ordem, pedido, proibição, etc. Por

(3) Dicionário de Linguística — 2600 dos Santos Jota, Rio de Janeiro, Proença, 1978.

isso, a entoação se refere ao tom que se empresta às palavras e frases, dando-lhes nuances de expressão e significado. Sua função é valorizar determinadas palavras, podendo dar-lhes matizes especiais de significação, e refletir o estado de espírito de quem fala.

"A entoação, em nossa língua, não só tem função expressiva como indica fim de frase pelo comportamento da altura da voz".⁴

A entoação existe ao natural na fala. Quando o discurso é escrito, existem os sinais de pontuação que procuram assimilar a entoação, sugerindo ou indicando as pausas.

Pontuação — É o conjunto de sinais que representam, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada.⁵

Pausa — "A pausa pode ser definida como o silêncio momentâneo (real ou virtual)".⁶

Rapidez — É a velocidade com que se lê. Trata-se do tempo que se emprega para ler determinado texto, e mede-se pelo número de palavras lidas por minutos (ppm).

A rapidez na leitura tem valor relativo.⁷ Há, porém, quem muito a preze,⁸ e há quem a nospreze⁹ ou, até despreze.¹⁰

DLO — Por Desempenho em Leitura Oral entende-se, por conseguinte, a competência ou habilidade manifestada na leitura oral sonora, em todas as qualidades antes mencionadas e definidas.

(4) BÉLO, Leda. *Fonética e fonologia na alfabetização*. Letras de Hoje, Porto Alegre, FUCRS, (17): 36, set. 1974.

(5) MARTINS, Dêta Silveira e ZILBERKOPF, Lúcia Sellar. *Português Instrumental*. 2ª ed. Porto Alegre, Prodi, 1973, p. 202.

(6) CARRAL, Leonor Sellar. *Introdução à Linguística*. 3ª ed. Porto Alegre, Globo, 1974.

(7) Silveira, 1966: 160, 207; Mialaret, 1972: 132; etc. Para dados mais completos da bibliografia, cf. Chiametti, 1984: 234-35.

(8) Cf. Pennell e Cassock, (1962: 82); Pentecost (1950); Pironon Netto (1974: 232); Ziehe (1969: 95); Molina (1979: 3); Bamberger (1977: 28).

(9) Contreras et alii (1969: 75, 226); Carroll (1969: 103); Camara Jr. (1977: 29); Piccolotto e Soares (1977: 85); Santos (1980: 73); Silveira (1979: 48).

(10) Fagnot (1959); André Gide (apud Belenger, 1975: 48).

1.5 — Velocidade e compreensão

Existe relação íntima entre inteligibilidade do texto e velocidade de leitura (hipótese confirmada, declara Molina¹¹).

Da capacidade de agrupar palavras em unidades de pensamento depende a fluência e a compreensão.¹²

Juracy Silveira (1966: 206) declara ser a velocidade fator de compreensão:

"A velocidade facilita aquela fusão dos significados das palavras."

Marins (1976: 8) chega a afirmar que "não é verdade que o leitor lento e mais cuidadoso compreende melhor".

Bamberger (1977: 29) o confirma:

"Normalmente, leitores rápidos lêem com maior concentração e, por isso compreendem melhor o que lêem".

2. METODOLOGIA

Como foi feita a avaliação da leitura oral dos sujeitos? Como se mediu seu desempenho?

Procedeu-se como segue:

2.1 — População

Alunos da 1.ª série do 2.º grau, noturno, da Escola Estadual de 1.ª e 2.ª Graus Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, localizada no bairro Partenon (Intercap), Porto Alegre.

2.2 — Amostra

Foram testados 26 sujeitos, 13 provenientes do Curso Regular e 13 do Curso Supletivo de 1.ª grau.

2.3 — Instrumentos e modelos

Encontrar instrumentos que sugerissem maneiras práticas de avaliar a leitura oral não foi tarefa muito fácil. Por isso, pouquíssimos foram o modelos de que se dispôs para identificar o tipo de dificuldade que o leitor fraco ou inexperiente encontra na leitura do texto.

Teoricamente escassa a literatura específica sobre como avaliar a leitura oral, os modelos práticos para tal avaliação parecem mais deficitários ainda.

Em toda a literatura consultada (e não foram poucas), pôde-se encontrar apenas quatro desses instrumentos que ora são apresentados.

(11) Cf. op. cit., p. 3.

(12) Cf. Brueckner e Bond, 1961: 128.

C) CONTRERAS ET ALII — Em seu livro *Didáctica de la lectura oral y silenciosa* (1969: 325) apresentam uma tabela com 5 elementos de julgamento:

PRUEBA DE LECTURA ORAL

Escuela Grupo Fecha	Elementos de juicio					PROMEDIO
	RAPIDEZ pal. por min	CLARIDAD	FLUIDEZ	PONTUACION	ENTONACION	
Nombres de los alumnos						

Contreras et alii, 1969: 325

D) CHIAMENTI — Com base nos objetivos da leitura oral, nas qualidades e defeitos da mesma apontados por diferentes autores, elaborou um instrumento de avaliação da leitura oral, baseado no modelo anterior; levou em consideração 4 aspectos, contrapondo-lhes as falhas características:

ASPECTOS

FALHAS

- | | | |
|------------------------------------|--|------------------------------------|
| 1. Dição ou CLAREZA dos vocábulos | <ul style="list-style-type: none"> — má articulação — trocas — omissões — acréscimos | de vocábulos
silabas
fonemas |
| 2. RITMO das seqüências | <ul style="list-style-type: none"> — repetição - correção — pausas indevidas (cesuras) — precipitação-lentidão, hesitação | |
| 3. PONTUAÇÃO-ENTONAOÇÃO das frases | <ul style="list-style-type: none"> — trocas — omissões — acréscimos | |
| 4. Velocidade ou RAPIDEZ | <ul style="list-style-type: none"> — tempo empregado além do tempo padrão (1min46seg - 286 pal.) | |

No que concerne a detalhes do procedimento de mensuração e avaliação das variáveis, encontram-se estes em 6 tabelas no Anexo 2 da Dissertação de Mestrado (Chiamenti, 1984: 522-7; + 178).

Uma ficha inicial poderia ser como segue:

FICHA DE AVALIAÇÃO DA LEITURA ORAL

ESCOLA Série Turma Data	CLEREZA Dicção	RITMO Fluência	Pontuação ENTOADAÇÃO	RAPIDEZ Tempo em min.
		Mã articulação	Repetição-correção	
	Trocas	Pausas indevidas		
	Omissões	Precipitação-lentidão		
	Acrécimos	Trocas		
		Omissões		
		Acrécimos		
			1,46 — 2,06	
			2,07 — 2,27	
			2,28 — 2,48	
			2,49 — 3,09	
			3,10 — 3,30	
			3,31 — 3,52	

N.º e Nome dos Alun.

E) UFRGS — O último instrumento de avaliação da leitura oral encontrou-se junto a professores que trabalham no laboratório de leitura do Colégio de Aplicação da UFRGS; dito instrumento inclui, a mais, uma atitude de comportamento corporal e um item referente à compreensão;

FICHA DE AVALIAÇÃO DA LEITURA EXPRESSIVA

Componentes observáveis da leitura oral	NIVEIS				
	5	4	3	2	1
Postura adequada					
Elocução correta (interpretação verbal correta de sons e seqüência de sons)					
Dicção clara (pronúncia com articulação suficientemente inteligível de sílabas)					
Continuidade (ausência de paradas desnecessárias nas frases, períodos, parágrafos)					
Atendimento às pausas previstas pelos sinais de pontuação ritmo e cadência adequadas)					
Conotação adequada às manifestações expressivas das personagens					

(Abaixo da tabela vêem-se os dados de identificação:)

NOME DO CANDIDATO :

N.º

PROFESSOR :

HORARIO :

OBSERVAÇÕES :

Concretamente, para o trabalho da pesquisa realizada, o autor dispôs dos seguintes instrumentos:

a) Um texto de 30 linhas — "Caso de menino" — emprestado do livro *Cadeira de Balanço*, de Carlos Drummond de Andrade (1978: 16).

Dado o objetivo, e tratando-se de alunos adultos — dos 19 aos 30 anos —, a leitura oral não foi precedida de leitura silenciosa. Foi uma leitura que Bacha (1969: 99) chama de "leitura incidental", isto é, uma leitura em voz alta, sem preparo, quase de improviso.

b) Gravador e fita cassete onde a leitura foi gravada e, posteriormente, analisada.

3.4 — Quanto ao aspecto tempo (RAPIDEZ), tem-se a observar o seguinte:

Segundo Bellenger (1979: 23), "a velocidade média da maioria dos leitores, qualquer que seja seu nível sócio-cultural, é de 150 a 200 palavras por minuto".

Nessa base, apenas um (1) leitor se enquadrou. Os demais sujeitos da pesquisa se enquadraram entre os "leitores sem prática", segundo classificação de Zielke (1969: 29): leitores que lêem entre 90 e 160 ppm.

Aquém desses parâmetros encontraram-se três sujeitos, os mais lentos, que alcançaram 74, 84 e 89 ppm.

O fato de os sujeitos desta pesquisa (excetuado um) se enquadrarem entre os "leitores sem prática" parece bastante consentâneo com sua realidade de vida — pessoas entregues ao trabalho diurno e, quiçá, diuturno.

Observação — Inicialmente, no plano piloto, as falhas percebidas ao longo da leitura foram registradas em folha adrede preparada; constatou-se, depois, através da gravação, quão longe da realidade fica o pesquisador que apenas de ouvido registra as falhas percebidas: elas se reduzem mais ou menos à metade do que a gravação registra.

c) Cópias e sinais — Para o levantamento das falhas ocorridas na leitura oral foram feitas tantas cópias (xerox) do texto quantos foram os sujeitos testados, e sobre elas assinalaram-se as falhas com sinais convencionados distintivos (cf. p. 251 da Dissertação) que indicam a natureza das falhas e facilitam a sua catalogação, o que era feito no desenrolar da gravação.

2.4 — Medidas e avaliação

Para medir detalhadamente o DLO dos sujeitos, foram confeccionadas quatro grandes tabelas portadoras das parcelas de pontos que cada sujeito alcançou em cada um dos quatro aspectos observados (dicção, ritmo, entoação e rapidez), num total de 10 pontos. Uma quinta tabela traz o total das falhas e dos pontos de cada sujeito em cada variável (cf. p. 253-7 da Dissertação).

A Análise Fatorial precisou o peso para cada uma destas variáveis, ficando assim distribuída a soma dos 10 pontos:

Clareza	—	2,25
Ritmo	—	2,73
Entoação	—	2,06
Rapidez	—	2,66

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

No que diz respeito à habilidade de leitura oral, as principais falhas constatadas foram:

- 3.1 — Na primeira variável (CLAREZA) predominaram as trocas de vocábulos.
- 3.2 — Na variável RITMO sobressaíram as pausas indevidas.
- 3.3 — Na ENTOAÇÃO destacaram-se, e acentuadamente, as trocas (e acréscimos, em menor proporção) de pontuação, verificadas na entoação impressa às frases lidas.

RESULTADO FINAL

Soma Total de Falhas e Pontos (D L O)

Variáveis	Clareza		Ritmo		Entonação		Velocidade		TOTAL		Ordem			
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	P	Suj.		
F e P	2,5515		2,7294		2,0576		2,6615		10,00					
Sujeitos														
CR	1	3	2,3	18	1,9	27	0,8	50	1,6	98	6,6	1,0	14	
	2	10	1,8	19	1,9	25	0,9	53	1,5	107	6,1	2,0	17	
	3	0	2,5	10	2,3	22	1,1	6	2,5	38	8,4	2,3	18	
	4	M	7	2,0	14	2,1	16	1,3	51	1,6	88	7,0	3,4	13
	5	12	1,7	32	1,2	21	1,1	46	1,7	111	5,7	4,0	7	
	6	10	1,8	18	1,9	26	0,9	37	1,9	91	6,4	4,2	15	
	7	27	0,5	35	1,1	26	0,9	56	1,5	144	4,0	5,0	9	
	8	12	1,7	17	1,9	25	0,9	45	1,7	99	6,2	5,3	24	
	9	6	2,1	25	1,6	45	0,0	65	1,3	141	5,0	5,4	20	
	10	F	8	2,0	12	2,2	15	1,4	14	2,4	49	7,9	5,5	12
	11	5	2,2	10	2,3	18	1,2	17	2,3	50	8,0	5,7	5	
	12	12	1,7	23	1,7	23	1,0	68	1,2	126	5,5	5,9	21	
	13	21	1,0	35	1,1	29	0,7	99	0,6	184	3,4	6,1	2	
CS	14	28	0,4	59	0,0	32	0,6	126	0,0	245	1,0	6,2	8	
	15	17	1,3	27	1,5	35	0,5	79	1,0	158	4,2	6,3	23	
	16	6	2,1	6	2,5	26	0,9	14	2,4	52	7,8	6,4	6	
	17	M	28	0,4	51	0,0	41	0,2	81	1,0	201	2,0	6,6	1
	18	34	0,0	42	0,8	29	0,7	87	0,8	192	2,3	6,7	19	
	19	10	1,8	17	1,9	23	1,0	33	2,0	83	6,7	7,0	4	
	20	21	1,0	17	1,9	28	0,8	46	1,7	112	5,4	7,6	22	
	21	15	1,4	21	1,8	25	0,9	39	1,8	100	5,9	7,7	26	
	22	4	2,3	11	2,2	22	1,1	27	2,1	64	7,6	7,8	16	
	23	F	13	1,6	10	2,3	29	0,7	43	1,8	95	6,3	7,9	10
	24	17	1,3	31	1,3	22	1,1	47	1,7	117	5,3	8,0	11	
	25	2	2,4	9	2,3	22	1,1	21	2,2	54	8,0	8,0	25	

CR - Alunos do Curso Regular

CS - Alunos do Curso Supletivo

M - Sexo Masculino

F - Sexo Feminino

F - Número de Falhas

P - Parcela ou total de Pontos

3.5 — Na busca de como lêem e quanto lêem os alunos (HL) transpareceu o seguinte:

- a) Os sujeitos desta pesquisa lêem muito pouco.
b) A distribuição dos sujeitos quanto ao desempenho em leitura oral foi normal: 7 lêem bem, 12 lêem regularmente e 7 lêem mal.

Nos dois grupos de sujeitos que foram testados em DLO não se descobriu diferença significativa entre eles, mas ligeira e persistente vantagem em favor de CR (uma amostra mais maciça e diversificada traria conclusões mais consistentes).

c) O coeficiente de correlação "r" de Pearson mostrou, por outro lado, ser significativa a correlação entre DLO e HL (Hábito de Leitura).

3.6 — Com relação às falhas mais comuns constatadas, observe-se que:

1) As trocas e omissões de vocábulos ocorridas na Dição devem-se, em grande parte, a fatores emocionais: a pressa e/ou a preocupação de ler sem demasiadas interrupções, notadamente porque era gravada e cronometrada a leitura; e, em parte, à sua inabilidade em leitura.

2) As pausas indevidas, bem como as repetições, devem-se, ao que parece, a um só fator: o de insegurança e pouca habilidade de leitura. A repetição, na maioria das vezes, foi feita para corrigir a palavra proferida e dar sentido à frase, o que constitui fator positivo mais do que negativo.

3) Na escrita subjaz a entoação; ela existe virtualmente e se faz atual ao ser lida, na passagem do escrito ao oral.

As numerosas trocas e bastantes acréscimos de entoação estranhos ao texto revelam residir ali a maior dificuldade: a falta de domínio na entoação das frases ou na interpretação dos sinais gráficos. É, aliás, o que se tem constatado ao longo de 4 anos de atuação junto a alunos dessa área. (Influência de professores, talvez, que assim transmitiram?)

4) Os que maior inabilidade demonstraram não dando conta do sentido das frases, foram 6 sujeitos que garantiram sua classificação no nível inferior, os quais trocaram vocábulos, lendo seqüências sem sentido.

5) Confirmou-se, ainda, a opinião de bons aures, atrás citados (p. 8), que atribuem correlação entre os aspectos velocidade e compreensão, pois verificou-se que os 6 sujeitos que leram mais depressa foram também os que melhor se classificaram, apresentando o melhor DLO; e os 6 leitores mais lentos foram também os que apresentaram o pior DLO. Fica, assim, mais uma vez, confirmada a hipótese de que velocidade e compreensão, via de regra, caminham juntas.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se com as palavras de Aguiar (1979: 11), em consonância com Bamberger (1977):

"A aprendizagem da leitura não diz respeito apenas às primeiras séries escolares, mas é uma atividade contínua e crescente que se estende por toda a vida. É importante, portanto, que se formem, desde cedo, no indivíduo, hábitos permanentes de leitura."

5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

5. 1 — AGUIAR, Vera Teixeira de. A leitura nos Currículos Oficiais. *Leitura: Teoria e Prática*. Campinas, Mercado Aberto, 3 (02): 213, out. 1983.
5. 2 — ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de Balanço*. 11.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
5. 3 — BACHA, Magdalena Lisboa. Desenvolvimento da leitura na escola primária. De 2.ª à 5.ª série. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1982.
5. 4 — BAMBERGER, Richard. Como inativizar o hábito da leitura. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1977.
5. 5 — BELLENGER, Lionel. Os Métodos de Leitura. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
5. 6 — BRAGA, Maria Lúcia Santocilla. Lendo o problema da leitura. *Arte e Linguagem*, Cadernos PUC-SP, São Paulo, EDUC, (6): 3-10, 1981.
5. 7 — BRUCKNER, Leo Y. e BOND, Guy L. Diagnóstico y Tratamiento de las dificultades en el aprendizaje. Tradução de Arturo de La Orden. Madrid, Rialp, 1961.
5. 8 — CAGLIARI, Luiz Carlos. Investigando o ritmo da fala. In: *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro, PUC-RJ, out. 1981, v. 2, p. 290-304.
5. 9 — CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. 4.ª ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
5. 10 — CARROL, John B. *Psicologia da Linguagem*. Tradução de Maria Aparecida Aguiar. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

5. 11 — CHIAMENTI, Fábulo. *Desempenho em Leitura Oral de Alunos da 1.ª Série do 2.º Grau*. Porto Alegre, PUC-RS, 1981. Dissertação de Mestrado.
5. 12 — CONTRERAS, Amparo Rábio de, ET ALII. *Difíciles de la lectura oral y silenciosa*. 2.ª ed. México, Oasis, 1969.
5. 13 — COSTE, Daniel. *Lire le sons Le Français dans le Monde*. Paris, Hachette/Larousse, (109): 40-4, 040, 1974.
5. 14 — FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1982.
5. 15 — GENOUVRIER, Smile e PEYARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Tradução de Rodolfo Nari, Coimbra, Almedina, 1974.
5. 16 — GOMES, Maria dos Prazeres Meirinho. *O texto: espaço interseccional*. *Arte e Cultura*, Cadernos PUC-SP, São Paulo, EDUC/Cortez, (14): 23-44, 1982.
5. 17 — HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
5. 18 — LUCENA, Cleuzi. *Estudo de algumas implicações do Ritmo na facilitação da aprendizagem da Leitura e Escrita*. Porto Alegre, PUC-RS, 1978. Dissertação de Mestrado.
5. 19 — MARINS, Francisco. A Literatura Infantil na formação do hábito de ler. *Boletim Informativo da FNLII*, Rio de Janeiro, Portinho Cavalcanti, (34): 5-10, abr./jun. 1974.
5. 20 — MOLINA, Olga. *Avaliação da inteligibilidade de livros didáticos de 1.ª e 2.ª graus por meio da técnica ciese*. São Paulo, USP, 1979. Tese de Doutorado.
5. 21 — PASSOS, Cimo de Oliveira, e MEDIANO, Zélia Domingues. *Ensinando Linguagem da 2.ª à 5.ª série*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.
5. 22 — PENNEL, Mary R. e CURACK, Alice M. *Como se ensina a leitura*. 3.ª ed. Tradução de Anador Coelho. Porto Alegre, Globo, 1982.
5. 23 — PENTEADO, José Roberto. *A técnica da comunicação humana*. 7.ª ed. São Paulo, Plonina, 1980.
5. 24 — PEREIRA, Aracy Ernst. *Análise da Produção e Compreensão no Processo de Leitura sob um Enfoque Lexicológico*. PUC-RS, Porto Alegre, 1980. Dissertação de Mestrado.
5. 25 — PÉREZ, Francisco Gutiérrez. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. Tradução de Vladimir Soares. São Paulo, Summus, 1978.
5. 26 — PICCOLOTTO, Léalle, e SOARES, Regina Maria Freire. *Técnicas de imitação e comunicação oral*. São Paulo, Loyola, 1977.
5. 27 — SANCHEZ, Benjamin. *Lectura: diagnóstico, enseñanza y recuperación*. Buenos Aires, Kapeluz, 1972.
5. 28 — SANTOS, Eli Rosendo dos. *Por que Lemos Mal e Como ler e Estudar Melhor*. Rio de Janeiro, Teacoprint, 1980.
5. 29 — SILVA, Esquivel Theodoro. *Leitura e Realidade Brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983b.
5. 30 — SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Manual de Caligrafia*. Califórnia, Califórnia e Arato de Hizer. 5.ª ed. São Paulo, Sarniva, 1968.
5. 31 — SILVEIRA, Juracy. *Leitura na escola primária*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1986.
5. 32 — VALE, José Miquel Ferreira do. *Considerações a respeito do aluno de aproveitamento insuficiente no início da escolarização básica*. *Didática*, São Paulo, UNESP, (15): 69-79, 1979.
5. 33 — ZIEGLER, Wolfgang. *Método de leitura veloz*. Tradução de Ronaldo Sérgio de Hiaz. Rio de Janeiro — São Paulo, Record, 1969.